

# Opinião

## Cartas de Leitores

Envie cartas para: av. Jaguaré, 1.485, CEP 05346-902 - SP - E-mail: cartas@valor.com.br. As cartas e e-mails deverão conter nome, endereço e telefone. Os textos poderão ser editados por limitação de espaço.

### Petrobras

"Gostaria de fazer alguns comentários sobre a matéria 'Petrobrás defende taxaço de importados', publicada no **Valor** de 7/5, à pág. A4, que trata de uma maior taxaço de combustíveis importados no País.

Em primeiro plano, fica claro o interesse da Petrobras em defender o seu monopólio sobre o refino do produto. O Brasil atualmente não é auto-suficiente ainda na produção de gasolina e monopoliza o mercado assim mesmo. Basta uma simples decisão dessa autarquia para que o preço do produto suba no mercado, pois não existe concorrência direta. Isso acarreta em maus maiores, como por exemplo a inflação. O Sr. Rogério Manso, diretor de abastecimento da Petrobras, afirma que não existe interesse de outras refinarias em entrar no País devido ao lucro baixo do negócio. Isso contradiz as expectativas dos investidores que, há anos, vêm tentando se firmar no Brasil. Ele também afirma que deveria haver uma taxaço maior na importação do produto, uma vez que em países como os EUA por exemplo a tarifa de importação varia entre 6% e 8%.

Pois bem, no Brasil já existe uma enorme taxaço para a importação de derivados do petróleo. Na importação de gasolina, por exemplo, incide a Contribuição de Intervenção no Domí-

nio Econômico (CIDE), que acarreta uma carga tributária de R\$ 0,50 por litro. Levando em consideração que o preço do produto importado gira em torno de R\$ 0,49 por litro, o produto já é tributado em mais de 100%. Além disso ainda incide o ICMS, cujo impacto fiscal gira em torno de R\$ 0,52 por litro.

Dessa maneira, como pode querer o citado diretor que se aumente a carga tributária sobre a importação de derivados do petróleo, se o impacto fiscal já é quase 200% do produto?

Assim sendo, resta claro o interesse daquela autarquia em continuar barrando a entrada do produto bem como em permanecer monopolizando o seu segmento.

LUIZ FELIPE M.M.R. GARCIA  
Diretor Comercial — *Eagles* Assessoria Aduaneira Ltda  
São Paulo, SP

### Artigo de Dani Rodrick

"Interessante o artigo 'Muitos modelos de crescimento' de Dani Rodrick, publicado no **Valor** de 30/4 à pág. A13. O autor indica, oportunamente, que os casos de sucesso em termos de desenvolvimento econômico — 'China, Coréia do Sul, Taiwan e Chile' — foram aqueles capazes de combinar 'elementos não ortodoxos com políticas ortodoxas'. Entre estes ele cita especialmente políticas industriais ativas, estímulos à exportação, desrespeito a

regimes de propriedade intelectual, protecionismos, restrições financeiras e desregulamentação limitada. Do lado ortodoxo, Rodrick se refere ao respeito aos direitos de propriedade, mas podemos acrescentar a estabilidade macroeconômica e o equilíbrio externo, sem prejuízos para seu argumento. Mas nós facilmente nos esquecemos que fomos heterodoxos ao longo de todo o século 20 e que se essa heterodoxia, promoveu a industrialização do país, por outro lado é responsável direta pela distribuição desigual da riqueza.

Se o Brasil é um caso de meio-fracasso da heterodoxia cabe-nos averiguar as razões. Creio que deixamos de lado o outro lado da moeda, apontado por Rodrick como essencial para o sucesso do desenvolvimento acelerado: políticas ortodoxas como a estabilidade macroeconômica, a defesa da concorrência, a ênfase na necessidade de compatibilizar industrialização com exportação (equilíbrio externo) e o investimento maciço em capital humano e social.

Em ano eleitoral, marcado por novo consenso em torno da necessidade de reintroduzir no país a substituição de importações que explica nossa terrível desigualdade, estou com Rodrick: precisamos experimentar mais ortodoxia e não menos!"

CARLOS PIO  
Brasília, DF